

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS/FAV
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – EAD
Polo Cavalcante Goiás**

Lidiane Gomes da Silva

**MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO SER DISCENTE E FAZER
DOCENTE:**

escrita autobiográfica e ressignificação das Artes Visuais

Cavalcante

2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

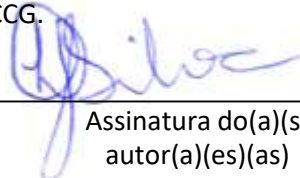
Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Lidiane Gomes da Silva

Título do trabalho: MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO SER DISCENTE E FAZER DOCENTE: escrita autobiográfica e ressignificação das Artes Visuais

2. Informações de acesso ao documento:

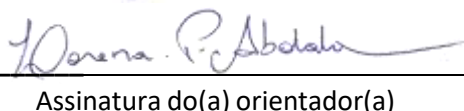
Concorda com a liberação total do documento [] SIM [] NÃO⁵

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.



Assinatura do(a)(s)
autor(a)(es)(as)

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)

Goiânia, 24 de Junho de 2021.

⁵ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Lidiane Gomes da Silva

**MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO SER DISCENTE E FAZER
DOCENTE:**

escrita autobiográfica e ressignificação das Artes Visuais

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Pompei Abdala

Cavalcante - GO

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Lidiane Gomes da
MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO SER DISCENTE E FAZER
DOCENTE: [manuscrito] : escrita autobiográfica e ressignificação das
Artes Visuais como ferramenta de ensino / Lidiane Gomes da Silva. -
2021.
xxxviii, 38 f.: il.

Orientador: Prof. Lorena Pompei Abdala.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2021.
Bibliografia.

1. Autobiografia. 2. Ensino de Artes. 3. Arte-educadora. I. Abdala,
Lorena Pompei , orient. II. Título.

CDU 7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS/FAV
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – EAD
Polo Cavalcante Goiás**

Lidiane Gomes da Silva

**MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO SER DISCENTE E FAZER
DOCENTE:**

escrita autobiográfica e ressignificação das Artes Visuais

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 21 de maio de 2021, pelos seguintes membros da banca:



Prof. Dra. Lorena Pompei Abdala - Orientadora
Universidade Federal de Goiás



Prof. Dra. Noeli Batista dos Santos – Avaliador(a)
Universidade Federal de Goiás



Prof. Ma. Hertha Tatiely Silva – Avaliador(a)
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, sem Ele eu não estaria aqui, por sentir a presença dele em todos os momentos da minha vida. E por todas as manhãs me dar força e perseverança para continuar em busca dos meus objetivos.

A minha Mãezinha por me ensinar a ser uma pessoa de caráter e honesta, até mesmo pelas broncas, foram elas que me fizeram acordar para a vida.

Aos meus filhos Isadora Gomes e Pedro Gomes, que vêm aguentando os meus enjoos, minhas angústias, e por terem paciência e compreensão nos dias de ausência.

A minha irmã Monique por ter me incentivado a prestar o vestibular, me dando total apoio em uma fase da minha vida que eu estava perdida. É ela que vem me orientando todos estes anos, se não fosse por ela eu não teria chegado até aqui.

Aos professores da FAV por ter me passado conhecimentos que eu levarei por toda a vida como professora e principalmente como um ser humano melhor.

Gostaria de agradecer àqueles que não acreditavam em mim, pois foi o meu maior incentivo, mostrar que eu posso ter tudo que eu quero, basta ter força de vontade e buscar a realização.

... Uma pequena, ínfima mudança aqui pode resultar num enorme acontecimento do outro.

Edward Lorenz (1917)

RESUMO

Neste trabalho trago as mudanças e transformações no ser discente e fazer docente por meio de uma escrita autobiográfica e de ressignificação das Artes Visuais como ferramenta de ensino. O objetivo é identificar as mudanças e transformações desse processo de apropriação das Artes Visuais, tendo como base o meu próprio percurso. Faço um panorama histórico e metodológico do ensino de Artes no Brasil, falo do meu percurso escolar desde a Educação Infantil a licenciatura em Artes Visuais. Concluo falando da necessidade da formação continuada e da minha transformação pessoal a partir das vivências no curso, com foco no meu percurso e na minha formação, assim, esta é uma autobiografia que considera as aulas teóricas e práticas que contribuíram para a minha formação.

PALAVRAS-CHAVES: Autobiografia; Ensino de Artes; Arte-educadora; Formação Docente.

ABSTRACT

In this work I bring the changes and transformations in being a student and teaching through an autobiographical writing and the resignification of Visual Arts as a teaching tool. The objective is to identify the changes and transformations in this process of appropriation of Visual Arts, based on my own path. I make a historical and methodological overview of the teaching of Arts in Brazil, I talk about my school career from Kindergarten to a degree in Visual Arts. I conclude by talking about the need for continuing education and my personal transformation from the experiences in the course, focusing on my path and my training, thus, this is an autobiography that considers the theoretical and practical classes that contributed to my training.

KEYWORDS: Autobiography; Arts Education; Art-educator; Teacher Training.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Matrícula na FAV, primeiro dia de UFG

FIGURA 2: Polo UAB de Cavalcante-GO

FIGURA 3: Aula de Ateliê na FAV

FIGURA 4: Aula de Ateliê no polo de Cavalcante

FIGURA 5: Aula de Carimbo

FIGURA 6: Aula de fotografia

FIGURA 7: Aula de Ateliê no Polo de Cavalcante

FIGURA 8: Café da manhã no polo de Cavalcante

LISTA DE SIGLAS

FAV – Faculdade de Artes Visuais

EAD – Educação a Distância

UFG – Universidade Federal de Goiás

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MAC/USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

FAEB – Federação Nacional dos Arte-Educadores do Brasil

DC/GO – Documento Curricular de Goiás

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

MEA – Movimento Escolinhas de Arte

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Ensino de Arte no Brasil: um panorama histórico e metodológico	12
2.1 História do ensino de Arte no Brasil	12
2.2 Metodologias no Ensino de Artes	15
3 O percurso escolar da Educação Infantil ao Ensino Médio	18
3.1 A Educação Infantil	18
3.2 O Ensino Fundamental	20
3.3 O Ensino Médio	23
3.4 Um breve memorial do vestibular e matrícula na FAV	24
4 A licenciatura em Artes Visuais	26
4.1 O ensino de Artes na EAD	27
4.2 Reflexões sobre o fazer discente no ensino das Artes Visuais	29
4.3 Reflexões sobre o fazer docente como aluna de Artes Visuais	31
5 Considerações finais	38
6 Referências	40

1 Introdução

Trago neste trabalho, de acordo com minhas lembranças, procurando ser o mais fiel possível para relatar fatos que ocorreram em minha trajetória como discente em Artes Visuais.

O meu primeiro contato com a arte começou muito cedo, eu mal sabia o que era Arte como toda criança, parece que nascemos para a arte, começamos a desenhar desde cedo, rabiscamos paredes, brincamos de fazer castelinho com areia, usamos muito o barro em nossas brincadeiras. A dança nem se fala, tudo isso é uma arte mesmo sem saber o verdadeiro significado da palavra. Qualquer pedaço de papel que eu pegava dali saía uma obra de arte que tinha o maior orgulho de mostrar para todos. Os anos foram se passando e muitas coisas aconteceram no decorrer da minha trajetória de vida.

Antes de ingressar na Licenciatura em Artes Visuais. Participei de muitas apresentações de música, muitas peças de teatro. Depois de concluir cada trabalho ficava o gostinho de quero mais. Na faculdade cada percurso era bastante cansativo, mas também gratificante, sempre movimentava algo em mim.

A Licenciatura em Artes Visuais nos permite ver a arte com diferentes aparências, não apenas em um efeito estético e belo, que são estereótipos que perpassam nossa alfabetização visual. Nesse processo de formação que se alia a nossa maturidade, é muito importante que nos capacitemos, superemos as dificuldades e os obstáculos desse processo, por isso acredito ser importante estudar esse movimento da Arte, que é dinâmica e está sempre em movimento, se (re)construindo ao passar do tempo. Essa pesquisa se justifica por buscar identificar as mudanças e transformações desse processo de apropriação das Artes Visuais, tendo como base o meu próprio percurso: Quais as metodologias aplicadas? Como o fazer artístico foi se transformando no meu percurso como discente? Como interfere na minha formação para o ser docente de Artes Visuais?

A princípio, no capítulo dois, faço um breve panorama histórico e metodológico do ensino de arte no Brasil, em seguida, capítulo três, discorro sobre o meu percurso escolar desde a educação infantil até as experiências na Faculdade de Artes Visuais – FAV. No capítulo quatro, as reflexões são pautadas na

licenciatura em Artes Visuais, o ensino em EAD, os fazeres discente e docente na área.

Para embasar a pesquisa diálogo com autores como Ana Mae Barbosa (1991) e Romero Tavares (2004) entre outros, além dos documentos oficiais como a LDB (1996), o BNCC (2017) e o DC/GO (2018). Também apresento algumas de nossas aulas de ateliê, contemplando a tão sonhada prática nas aulas de Artes, o que considero o mínimo necessário para uma aula produtiva e com resultados satisfatórios, “colocar a mão na massa”. Minhas considerações finais falam um pouco sobre a necessidade da formação continuada para professores de artes e explicitam meus anseios.

2 Ensino de Arte no Brasil: um panorama histórico e metodológico

2.1. História do ensino de arte no Brasil

Segundo Barbosa (2010), o ensino da Arte esteve presente no currículo escolar desde o século XIX, com diferentes características de acordo com o contexto político e social de cada época. A autora aponta ainda, que o ensino da arte ganhou espaço na educação devido ao ensino de desenho que era trabalhado nas escolas, destinadas especialmente às camadas populares, como forma de preparar mão de obra especializada para o exercício profissional.

A primeira lei que garante a obrigatoriedade do ensino de artes, em suas diversas linguagens, foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1º e 2º Grau nº 5.692/71, conhecida como a lei educacional da Ditadura Militar. Apesar do avanço de ter sido garantido em lei a obrigatoriedade do ensino de Arte no currículo escolar, democratizando o acesso ao seu ensino, houve também uma tentativa de esvaziar o ensino dessa área do seu teor crítico e reflexivo.

A LDB nº 5.692/71 não instituiu a obrigatoriedade da formação de professores específicos para lecionar a atividade de Educação Artística na escola, pelo contrário deixou brechas para que o ensino fosse ministrado por profissional de qualquer área. Essa medida enfraqueceu a "comunidade disciplinar" contribuindo para descaracterização da disciplina, acentuando o estigma da arte como acessório, que

serve apenas para decoração do espaço escolar, especialmente na produção de lembrancinhas para datas comemorativas.

De acordo com Silva (2004), a descaracterização da arte tinha como finalidade "despolitizar" ou "repolitizar", direcionando o ensino ao patriotismo e ao nacionalismo, desconfigurando todas as experiências artísticas desenvolvidas na sociedade.

Segundo Ferraz e Fusari (2009), os anos 1980 ficaram marcados como um período de muitas lutas pela redemocratização do Brasil, sendo também um momento de organização dos Arte-educadores brasileiros para o enfrentamento das mazelas do ensino da Arte. No ano de 1987 em decorrência da criação das diversas associações foi criada a Federação Nacional dos Arte-Educadores do Brasil (FAEB).

Nos anos de 1990, os Arte-Educadores tiveram que se mobilizar para garantir a permanência do ensino de Artes no Currículo escolar, pois na elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, a Arte não estava prevista para ser incluída como componente disciplinar no currículo da Educação Básica. Várias campanhas e movimentos foram feitos, sendo possível, graças a mobilização desses Arte-Educadores, a garantia da arte como um componente curricular obrigatório em todos os níveis de ensino. Porém o texto da referida lei não especificava as linguagens artísticas (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), apenas informava que a Arte é um componente curricular obrigatório.

Essa não especificação artística (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança) gerou uma série de equívocos, pois muitos estados e municípios, em seus concursos para seleção de docentes de Artes, não discriminam as modalidades desse ensino, exigindo apenas que o candidato tenha uma formação em Licenciatura, em qualquer linguagem artística. E as provas de seleção ainda são produzidas com base em uma formação polivalente, ou seja, com conteúdo referente a diferentes linguagens artísticas, não respeitando a formação inicial do docente.

No momento da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os Arte-educadores conseguiram garantir a participação nesse processo, que possibilitou a construção de um livro próprio da área de Arte. Nesse documento, a Arte está representada como uma área de reconhecimento humano, explicitada as linguagens artísticas que fazem parte desta área, com conteúdo próprio, apresentando, também, algumas sugestões que ajudam a criar projetos educativos

e planejar as aulas de Arte, buscando proporcionar a reflexão sobre a prática educativa.

Em 2015, ganha força o processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular, que tem como meta orientar a construção do currículo da Educação Básica das escolas brasileiras públicas e privadas. Vários especialistas, de todas as áreas do conhecimento, presentes no currículo atual da Educação Básica, foram convocados para traçar os conhecimentos essenciais aos quais todos os estudantes brasileiros têm o direito de ter acesso a se apropriar durante sua trajetória na Educação Básica, ano a ano, desde o ingresso na creche até o final do Ensino Médio.

A BNCC (2017) propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística.

As dimensões são:

- **Criação:** refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos, e representações em processos acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas.
- **Crítica:** refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas.
- **Estesia:** refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, as imagens, ao próprio corpo aos diferentes materiais.
- **Expressão:** refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo.
- **Fruição:** refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais
- **Reflexão:** refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre a fruição, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais.

Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música, e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Artes na escola. Não há nenhuma hierarquia entre estas dimensões, tampouco uma ordem para se trabalhar com cada uma no campo pedagógico.

2.2 Metodologias no Ensino de Artes

Considerando a diversidade metodológica, faz-se necessário primeiramente conceituá-la: Metodologia estuda os métodos de ensino, classificando-os descrevendo-os, sem julgar ou dar algum valor. Quanto ao significado etimológico da palavra refere-se ao caminho a seguir para alcançar algum fim (PILETTI, 1995, p.102).

A primeira metodologia a que devemos dar atenção é a Abordagem Triangular, que foi sistematizada no âmbito da leitura do acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP) e aos poucos foi contaminando, positivamente, a escola. Fato que exige contextualizar historicamente esse momento da educação e da arte/educação paulistana.

Paulo Freire era o Secretário de Educação da cidade de São Paulo e Ana Mae Barbosa era Diretora do MAC/USP, propiciando a Abordagem Triangular, que surgiu na contramão das práticas arte-educativas marcadas pelo fazer livre-expressivo, centradas na expressão de sentimentos; em uma compreensão do papel do arte-educador como o cenógrafo das festas cívicas/escolares; pela formação do arte-educador numa ótica polivalente, ou seja, por trabalhar teatro, dança, música e artes plásticas ao mesmo tempo.

Estávamos, pois, em um momento da arte/educação nacional, no qual a teoria era frágil, porque a grande ênfase concentrava-se no fazer, na ideia da livre-expressão. Predominava a formação polivalente do arte-educador, que, em geral, aprendia técnicas a serem utilizadas nas diferentes linguagens nos cursos de formação em Educação Artística.

Cabe aqui uma diferenciação, a partir do que afirma Barbosa (1991) sobre a ideia de livre-expressão. Segundo a autora, a livre-expressão se originou no

Expressionismo, difundindo a compreensão de que a arte, no processo de educação, leva o estudante a expressar seus sentimentos e, por isso, a arte não é ensinada e sim expressada. Podemos dizer que a interpretação de Barbosa valia para as escolinhas filiadas ao Movimento Escolinhas de Arte (MEA), dos anos de 1940 a 1970, pois o processo arte-educativo nesse movimento tomava como suporte teórico o pensamento de Herbert Read, pensador inglês, autor de *A Educação pela Arte* (2001). Foi base teórica também para o MEA a obra *Desenvolvimento da Capacidade Criadora* (1961), de Viktor Lowenfeld e Lambert Brittain.

Enquanto isso, na escola pública, a partir da Lei nº 5.692/71, tudo o que era realizado fazia menção à livre-expressão e tínhamos, então, técnicas artísticas desvinculadas do universo da arte e suas linguagens. No MEA, portanto, havia uma fundamentação teórica para o que se fazia em arte-educação, ao contrário do que ocorria na escola pública.

Naquele momento, havia também, no discurso dos arte-educadores, uma ênfase na ideia de criatividade, porém como espontaneidade. A esse respeito, Barbosa (1991) afirma:

A identificação da criatividade com a espontaneidade não é surpreendente porque é uma compreensão de senso comum. Os professores de arte não têm tido a oportunidade de estudar as teorias da criatividade ou disciplinas similares nas universidades porque estas não são disciplinas determinadas pelo currículo mínimo, logo só lhes resta o senso comum. (BARBOSA, 1991, p. 11)

Talvez, por isso, as primeiras palestras de Barbosa (1991) sobre os princípios da Abordagem Triangular e alguns experimentos significativos a partir dessa teoria em elaboração, especialmente quanto à leitura da imagem e à democratização da obra de arte, tenham provocado reações adversas nos arte-educadores vinculados aos slogans da época: “trabalhamos com o processo e não com o produto”, “arte não se ensina porque é emoção, é sensibilidade”. Nesse contexto desfavorável, nasce o que hoje nomeamos de Abordagem Triangular, isto é, uma teoria de interpretação do universo das artes e culturas visuais que convida o arte-educador ao gesto de reelaborar, ou melhor, de exercer uma autonomia até então cassada, propondo a imagem como universo de ensino, aprendizagem e pesquisa.

É bom não esquecermos que o mesmo sistema que colocou a arte no currículo escolar (por meio da Lei nº 5.692/71) era o que calava a voz dos artistas, acima de

tudo, seu pensar crítico e libertário. A censura exercia o papel ideológico de reprimir o pensamento divergente. Não podemos esquecer as lições de Pierre Bourdieu (1974) sobre a economia das trocas simbólicas, pois, talvez mais do que nunca a escola tenha sido o espaço privilegiado da reprodução da matriz estético/artístico/cultural de poder, isto é, o local onde as classes dirigentes da sociedade, aqueles que conforme Chauí (2006) exerciam o mando por serem superiores, aprendem a dominar as classes populares, os inferiores. E estes, por serem inferiores, sem vez e sem voz, deveriam aprender a obedecer passivamente.

Eni Orlandi (2011), ao interpretar Bourdieu, diz que a escola é reprodutora e legitimadora das contradições sociais, por meio do discurso pedagógico, trazendo à tona o clima desfavorável em que Barbosa (1991) alça voos, com alguns filiados, na direção da constituição da Abordagem Triangular. Nas palavras de Orlandi (2011, p. 22) ancorada em Bourdieu:

A Abordagem Triangular enfrentou o desafio de dessacralizar a arte como um bem e o museu como seu local de culto, defendendo que a experiência estética é direito de todos e opondo-se à concepção de arte/educação como um livre fazer desvinculado de teorias. Além do mais, também enfrentou os preconceitos e os pré-juízos instalados na sociedade e reproduzidos pela escola, como nos alerta Orlandi no fragmento acima. (ORLANDI, 2011, p. 22)

Barbosa (1998, p. 87) é categórica quanto a essa questão ao afirmar que “preconceito de classe é ainda o grande inimigo do multiculturalismo no Terceiro Mundo. Tudo que é feito pelo pobre é artesanato e não arte; isso é o pensamento vigente.”

Para Eisner (1988 apud BARBOSA, 1991, p. 19), a “arte é importante por si mesma. É uma experiência que permite a integração de experiência singular e isolada de cada ser humano com a humanidade”. Na visão atual do ensino fundamental a Arte é a formação artística e estética do aluno, desenvolvida nas várias linguagens artísticas. Eles desenvolvem sua cultura “fazendo”, “conhecendo”, “apreciando”, “refletindo”, “explorando” produções artísticas. Sendo assim:

Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem Arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento representacional que caracterizam a Arte. (BARBOSA, 1991, p. 20).

De acordo com o PCN (1998) os conteúdos trabalhados no ensino fundamental devem estar adequados a cada ciclo, acolhendo a diversidade cultural que cada um traz para a escola e introduzindo conteúdos das diversas culturas e épocas. Explicitado por três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar a arte:

Produzir refere-se ao fazer artístico (como expressão, construção, representação) e ao conjunto de informações a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e do desenvolvimento de seu percurso de criação. O ato de produzir realiza-se por meio de experimentação das linguagens artísticas;

Apreciar refere-se ao âmbito da recepção da arte, incluindo: percepção, decodificação, interpretação, fruição da arte e do universo a ela relacionado. A ação de apreciar abrange a produção artística do aluno e a de seus colegas, a produção histórico-social em sua diversidade, a identificação de qualidade estéticas e significados artísticos no cotidiano, nas mídias, na indústria cultural, nas práticas populares, no meio ambiente.

Contextualizar e situar o conhecimento do próprio trabalho artístico dos colegas e da arte como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturais e subjetividades. (BRASIL, 1998, p. 50)

O trabalho do educador em Arte procura descobrir certo potencial criativo no aluno ao ponto que possam se desenvolver em harmonia, pois seres humanos interagem com o mundo em que vivem através da arte, ora interpretando-a, ora ressignificando a. A produção artística desperta diversas emoções e sentimentos nas pessoas, agradáveis ou não aos sentidos e ao entendimento. Muitas das vezes o Arte educador se depara com a falta de interesse de seus alunos fazendo com que ele mude um pouco a sua abordagem.

3 O percurso escolar da Educação Infantil ao Ensino Médio

Este capítulo é dedicado às experiências vividas na educação infantil até o ensino médio abordando o meu percurso como aluna de artes em cada etapa de ensino.

3.1 Educação Infantil

Buscar a beleza é algo inerente ao ser humano, é o prazer estético e, independentemente de sua classe social, ou meio em que ele vive. Um arranjo de flores, escolher uma roupa, observar uma pintura, é buscar a beleza. No entanto,

tudo tem um começo, e a importância desse começo é que falaremos agora. Dar qualificações às obras de artes, como bom ou ruim etc., é um erro de leitura, que mostra o despreparo que temos para analisar, conhecer o que é arte desde o início de nossa vida escolar. Para corrigir isto é necessário começarmos a descobrir esta arte desde os primeiros rabiscos de criança.

Quando pequena eu adorava rabiscar as paredes de casa, como toda criança fazendo belos rabiscos que eu tinha orgulho de sair mostrando para todos o que eu tinha desenhado. Quando criança nossa imaginação vai muito além do que podemos imaginar aflorando todos os nossos sentidos.

Aos 3 anos de idade fui levada a frequentar uma escolinha onde tudo ali era novidade para mim, no infantil comecei a trabalhar minha coordenação motora. Fui desenvolvendo a formação dos sentidos que se dá através da leitura das formas, sons, do modo como as pessoas se relacionam e se movimentam no espaço e de tudo que acontece ao nosso redor.

Na educação infantil trabalhamos muito com pinturas, recortes, dança, modelagem, cantar, representar. Quando falo em cantar me recordo de uma musiquinha que a professora nos fazia cantar todos os dias ao chegarmos à escola, e vejo que até hoje elas ainda são ensinadas.

*O boa tarde meus coleguinhas
De volta escola estou
Deixei a mamãe em casa
Seu amigo agora eu sou
Gosto muito da minha escola
Da professora também
De todos os coleguinhas
Seu amigo agora eu sou.
Palmas, palmas, palmas
Pé, pé, pé
Viva a nossa escola que gostosa ela é
Domínio popular*

O ensino infantil nos traz muitas coisas boas, um mundo de fantasias de cores, é a partir dele que começamos nossa vida escolar. Portanto, quando se fala na natureza boa e pura das crianças, as professoras reproduzem um discurso altamente idealizado acerca da infância, que vem dominando e influenciando há muito tempo os imaginários da docência. No entanto, essa visão idealizada vem se chocando com outras, as quais colocam em "cheque" essa imagem tão pura e inocente das crianças. Isso pode ser constatado nas falas de algumas professoras

ao dizerem que as crianças eram boas, ingênuas e puras; mas que, na atualidade, elas não são mais assim, pois revelam outras características, como falta de respeito, de "educação" e de limites. Segundo Tavares (2004):

Os objetivos do ensino de artes se sustentam sobre 3 pilares: formação do sentido, conhecimento artístico, atividade de apreciação e produção artística. (...) os objetivos do ensino da arte podem ser muitos (...) A proposta de formação dos sentidos de domínio do conhecimento artístico aliado a atividade de apreciação e produção artística, se constitui no núcleo central do ensino de arte. (TAVARES, 2004, p. 17)

De acordo com a Lei nº 9394/96: Da educação infantil:

Art.29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art.30 A educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II pré escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (BRASIL, 1996)

É na educação infantil que começamos a aflorar a nossa criatividade e, professores despreparados podem cometer erros gravíssimos, que causam traumas futuros à criatividade de uma criança em formação. A arte não é uma forma de "ganhar", "preencher", o tempo que sobrou da aula sem planejamento, mas sim uma forma suave de formar o cidadão crítico e participante na sociedade abrindo-lhe os olhos. O aluno com a arte pode desenvolver suas habilidades, na criação e observação dos trabalhos.

Quando busco na minha memória sobre o tempo de pré-escola vem sempre aquele cheirinho da massinha, da tinta guache, do giz de cera e até mesmo dos lápis de cor em que eu mal sabia segurar direito. Foi na educação infantil que eu comecei a conhecer o mundo das cores, o começo de uma grande história.

3.2 Ensino Fundamental

No meu tempo de escola a aula de Artes Visuais se chamava Educação Artística, todos nós amávamos a aula de Educação Artística. Alguns pelo fato de ser

uma espécie de folga de todas aquelas matérias chatas, porém, outros como eu já gostava por ser uma aula que realmente me inspirava e permitia que realmente a criatividade entrasse em cena.

Me lembro muito da nossa professora Ana, ela não era a queridinha dos alunos na escola pois era bem agressiva em suas falas, não conseguia ter domínio da turma, me lembro bem que nós achávamos que a aula de artes era só para descansar, fugir um pouco das aulas monótonas. Ela não era muito de passar atividades práticas, gostava muito de aulas teóricas, isso acabava nos irritando, afinal queríamos aulas mais leves, pois estávamos cansados daquelas aulas teóricas e cansativas que tínhamos todos os dias. Esperávamos um pouco mais da nossa professora Ana, mas naquela época ela era formada em história, talvez esse fosse o motivo para não termos aulas práticas. Eu em particular gosto muito da aula prática e acabava me frustrando.

Ainda guardo na memória uma aula prática que ela aplicou em sala, quando ela nos apresentou as cores primárias, que ao misturá-las conseguimos formar outras cores. Falou um pouco sobre como foram descobertas as cores primárias, Isaac Newton (1643-1727) teria estudado profundamente a propriedade de dissociação da luz branca, ao atravessar um prisma de vidro, em feixes de luzes de diversas outras cores. Newton teria encontrado sete cores coincidentemente ou não o mesmo número das notas musicais. Newton utiliza um círculo com sete fatias, como uma pizza, propondo que cada uma das sete fatias representa uma das setes cores observadas, a saber: vermelha, laranja, amarela, verde, azul, anil e violeta. Em certo momento Newton, ao descrever a composição de duas cores afirma:

[...] todavia a cor composta dessas duas não será perfeitamente branca, mas alguma cor anônima esmaecida. Pois ainda não fui capaz de produzir o branco perfeito misturando apenas duas cores primárias. Se ele pode ser composto de uma mistura de três (cores) tomadas a distâncias iguais na circunferência, não sei; mas de quatro ou cinco, não duvido que pode. (NEWTON, 1730, p.3 apud SILVEIRA & BARTHE, 2016, p3)

No ensino Fundamental o professor precisa motivar o interesse do aluno, visto que, através da arte acabamos entrando em contato com a realidade do mundo, levando-o a construir formas, criar e sonhar. Pela arte é possível concretizar sentimentos e experiências, desenvolver os aspectos cognitivos sociais, estéticos, sensíveis e culturais. Além de ter o papel fundamental na forma de expressão e comunicação das pessoas.

As aulas de artes envolvem diferentes linguagens que ajudam o aluno a compreender de outra forma o contexto cultural, possibilitando a criatividade para produzir obras maravilhosas. Além de práticas como atividades em sala de aula, o estudante se identifica com as formas visuais e suas experiências já vivenciadas para por meio do seu potencial extrair o melhor de sua imaginação, tendo um crescimento significativo pessoal e social. Ana Mae Barbosa (2008) enfatiza essa relação entre arte educação:

O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola. A estética contemporânea se funde na ideia de que a arte é a vinculação entre a forma e o conteúdo. Um dos papéis da arte é preparar para os novos modos de percepção largamente introduzidos pela revolução tecnológica e da comunicação de massa. Dessa forma, fica mais vieses para as buscas e os encontros nas relações arte e educação. (BARBOSA, 2008, p.45).

Percebo que desde o ensino fundamental a minha visão como aluna começava a se ampliar, me fazendo crescer intelectualmente, me tornando um pouco mais crítica em relação a cultura e os meios sociais. Aprendi que a arte trabalha também com a visão, a audição e os demais sentidos que são transformados em porta de entrada para compreender o significado das questões sociais e abrir perspectivas de um mundo melhor. E de acordo com a BNCC o componente curricular contribui, ainda para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.

3.3 O Ensino Médio

Nas aulas do ensino médio, tudo continua igual, a minha professora de artes Maria dava mais aulas teóricas e como avaliação de seus alunos eram aplicadas provas com questões mais objetivas e subjetivas e acabava colocando a prática em segundo plano, muitas vezes apenas como passatempo em um jeito de nos manter presos a uma atividade qualquer. Assim, o ensino de artes no meu ensino médio não me deixou muita saudade, não consigo trazer muitas lembranças daquele tempo, pois foram dias difíceis. Me entristeço por não conseguir recordar desses momentos em sala. Não sei se esta minha inquietação seria por que eu esperava muito mais desta etapa do ensino básico, pois requer uma qualidade de ensino para que o aluno saia preparado para a realização de outra etapa importantíssima da vida, como o Ensino Superior, ou se ela é fruto de todo conhecimento que tenho agora, só consigo dizer que é frustrante não ter boas lembranças desta etapa de ensino.

Mas quero ressaltar a importância das experiências com Arte na minha adolescência, passando por mudanças hormonais, corporais e idade difícil, com um modo de pensar diferenciado ao ingressar em uma sociedade que nos coloca limites a ser seguidos, ora sendo tratada como uma adulta, ora sendo vista como uma criança. A linguagem representacional das Artes articula a cognição através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional numa escola a qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências. Isso muda com a proposta de "Abordagem Triangular", idealizada por Ana Mae Barbosa (2008), o ensino da Arte passa a tomar novos rumos, tornando este ensino melhor consolidado na escola. Sua proposta objetiva um desenvolvimento além das cópias, da "livre expressão", do ato de "deixar fazer". Barbosa (2009) propôs algo além, já que considerava que apreciar, contextualizar e produzir arte são elementos essenciais para o desenvolvimento das crianças e adolescentes em termos de formação artística e nível educacional.

Como colocado anteriormente, ao longo da história o ensino de artes teve um percurso que inclui sem dúvidas muitos obstáculos e dificuldades, até se consolidar como uma disciplina que deve ser pautada na herança cultural de cada aluno, junto ao conteúdo programático, ou seja, o ensino aprendizagem não está desvinculado das condições da Arte como manifestação humana. Hoje, esse ensino obrigatório

nas escolas da educação básica, deve ser ancorado em referências nacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que objetiva uma orientação mais global para as escolas brasileiras e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), norteando os caminhos. Contudo, infelizmente não é isto que eu consegui ver em sala de aula durante minha trajetória como estudante, vejo que ainda falta muito para que todas estas leis sejam colocadas em prática como realmente deve ser.

3.4 Um breve memorial do vestibular e matrícula na FAV

Quando acabei o meu ensino médio deixei de lado os meus estudos achando que já tinha estudado tudo que eu precisava, queria sim fazer uma faculdade, mas parecia ser um sonho tão distante. Deixei passar alguns anos da minha vida me dedicando apenas a trabalhar para o meu sustento.

Quando me casei, achei realmente que não precisaria de uma faculdade, passei a me dedicar somente a família que estava constituindo, mas com o passar do tempo acabei me separando. Foi quando resolvi voltar às minhas origens. Deixei para trás minha casa e meu ex-marido, trazendo comigo o que tenho de mais valioso em minha vida: os meus filhos.

Ao retornar fui muito bem acolhida pelos meus familiares, me dando toda força e carinho que eu precisava naquele momento, após duas semanas que eu havia retornado minha irmã Monique veio me dizer que iria me inscrever em um *vestibular*, que havia saído um edital, logo na semana em que eu retornei. Fiquei assustada, não sabia até aquele dia o que eu queria realmente da vida, mas estava querendo algo para me ocupar e fazer uma faculdade era um sonho, mesmo sem saber qual seria a área. Estava ali minha oportunidade, eu não poderia deixar passar sem nem tentar ainda que não soubesse o que era a Licenciatura em Artes Visuais resolvi fazer, mas quando fui pesquisar sobre o assunto me surpreendi, pois era uma área que eu sempre gostei, sempre estive envolvida neste mundo.

Fiz o vestibular meio desmotivada, sem esperança de passar, pois já tinha anos que eu não estudava e de uma hora para outra eu me via fazendo uma prova complexa e gigantesca. Mas como sempre coloquei Deus na frente, tudo deu certo. Fui selecionada e passei para a Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) para cursar Licenciatura em Artes Visuais.

Uma nova oportunidade começava ali, minha vida começava a ter sentido novamente. Logo de cara passamos dificuldades para fazermos a matrícula, nós só tínhamos um dia para realizar a tão esperada matrícula, e morávamos a 526 km de Goiânia onde fica o Campus da UFG. Conseguimos com o prefeito Josemar Saraiva Freire (2017/2020) um micro-ônibus para nos levar até Goiânia, e às 5h30mm da manhã, hora da partida, descobrimos que sua capacidade era para 12 alunos, enquanto que éramos 16.

Como sempre tive um espírito de liderança logo liguei para a coordenadora do Polo de Cavalcante e pedi ajuda a ela, ficamos 4 alunas para trás para conseguirmos um carro para chegar a tempo de fazer a matrícula na sede da FAV. Resultado, saímos de Cavalcante às 11h00mm da manhã, foi uma viagem emocionante pois corríamos contra o tempo em busca dos nossos sonhos. Conseguimos chegar a UFG faltando apenas meia hora para encerrar as inscrições o mais interessante foi ver a equipe que estava trabalhando na torcida para que chegássemos a tempo, pois os nossos colegas que saíram cedo já tinham conseguido concluir esta etapa.

Como não poderíamos retornar a nossa cidade sem registrar nosso primeiro contato com a UFG fizemos uma foto. Foi um momento inexplicável, sentimento que não tem como explicar ao mesmo tempo uma felicidade enorme e aquele medo que sempre me assusta de novo.



Figura1: Matrícula na FAV, primeiro dia de UFG
Fonte: acervo pessoal

Ainda é importante levar em conta que, ao contrário do senso comum, diversos estudos vêm demonstrando que (...) há maior participação das camadas mais pobres nas instituições públicas que nas suas congêneres particulares.(...) Diante do quadro social e educacional deletérios, cabe questionar a efetividade de tal programa, uma vez que as camadas de baixa renda não necessitam apenas de gratuidade integral ou parcial para estudar, mas de condições que apenas as instituições públicas, ainda, podem oferecer, como: transporte, moradia estudantil, alimentação subsidiada, assistência médica disponível nos hospitais universitários e bolsas de trabalho e pesquisa (Carvalho, 2006, p. 994).

4. A licenciatura em Artes Visuais

Em 2017 prestei vestibular da Universidade Aberta do Brasil (UAB), na qual a prioridade é oferecer formação inicial a professores em efetivo exercício na educação básica pública, porém ainda sem graduação, além de formação continuada àqueles já graduados. Também pretende ofertar cursos a dirigentes, gestores e outros profissionais da educação básica da rede pública. Outro objetivo do programa é reduzir as desigualdades na oferta de ensino superior e desenvolver um amplo sistema nacional de educação superior a distância, perfil a que me enquadro.

Há polos de apoio para o desenvolvimento de atividades pedagógicas presenciais, em que os alunos entram em contato com tutores e professores e têm acesso a biblioteca e laboratórios específicos de acordo com os cursos ofertados. Uma das propostas da Universidade Aberta do Brasil (UAB) é formar professores e outros profissionais de educação nas áreas da diversidade, com isso a maioria dos cursos são na modalidade licenciatura.

O objetivo é a disseminação e o desenvolvimento de metodologias educacionais de inserção dos temas de áreas como educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação patrimonial, educação para os direitos humanos, educação das relações étnico-raciais, de gênero e orientação sexual e temas da atualidade no cotidiano das práticas das redes de ensino pública e privada de educação básica no Brasil.



Figura 2. Polo UAB de Cavalcante-GO
Fonte: acervo pessoal

E assim, por meio do programa UAB, que leva graduações das universidades federais ao interior do Brasil, no formato de Educação a Distância – EAD, iniciei a Licenciatura em Artes Visuais.

4.1 O Ensino de artes no Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Confesso que até eu entrar na EAD, nunca tinha me interessado em fazer nenhum curso nesta modalidade, eu não colocava fé, como iria fazer uma faculdade a distância? Mas ao passar no vestibular comecei a me interessar e busquei saber como eram conduzidas às aulas.

Podemos definir a EAD como uma modalidade de educação, em que o aprendizado é constituído a distância física e temporal, mediada por alguma forma de tecnologia, responsável por permitir a comunicação e a interação entre os participantes. A tecnologia é importante, pois é o meio que promove a comunicação entre alunos e professores, já que eles não se encontram juntos em uma sala como acontece na educação convencional.

Conforme Moraes (2002), existem três tipos de educação: educação presencial, semipresencial e a distância. Na educação presencial, também chamada de educação convencional, os professores e alunos se encontram regularmente em um local físico. Na semipresencial, acontece uma parte na sala de aula e a outra a distância. A educação a distância pode ter momentos presenciais, mas acontece fundamentalmente com os professores e alunos separados fisicamente no espaço/tempo, mas podem estar juntos através de tecnologias de comunicação, em especial a internet.

Foi muito difícil no começo entender a modalidade, principalmente usar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), fiquei confusa ao trabalhar com a nossa plataforma de ensino Moodle Ipê, a falta de preparo e conhecimento acabou atrapalhando no começo, pois na modalidade presencial temos que apenas levar o nosso material pessoal, já a distância precisamos ter conhecimento digital.

Hoje no mundo em que vivemos quem não se qualificar digitalmente vai ficar para trás, vejo que somos um mundo digital. Com a pandemia da Covid-19, a qual estamos vivendo, todos tiveram que se adaptar a modalidade a distância, até mesmo aqueles professores que estão no ensino a muitos anos, que nunca pensaram que iriam ter que se adaptar e se reinventar depois de anos de sala de aula. Não está sendo nada fácil para ninguém principalmente para aqueles professores que continuam trabalhando na metodologia antiga, muitos no começo se negaram a trabalhar nesta modalidade, mas com o passar do tempo se viram obrigados a aprender e a se adequar com a nova realidade de ensino.

Quando falamos em EAD é senso comum acreditar que é mais fácil, é fácil estudar na hora que quer e onde quiser, sem ter aquele compromisso de estar em sala de aula diariamente, confesso que também pensava assim. Só que eu estava muito enganada. Fazer EAD requer muito mais responsabilidade, disciplina e comprometimento. Na EAD temos que ser mais dedicados e saber o organizar o nosso tempo com eficiência pois somos nós alunos que programamos o nosso horário de estudo pois temos que nos organizar de acordo com a nossa rotina do dia a dia, não podendo deixar pra qualquer hora que sobrar um tempo pois se não nos dedicar com o estudo acabamos fazendo percursos contínuos e isto acaba nos prejudicando pois ficamos ainda mais atarefados no semestre seguinte. Enfim, não é mais fácil, ao contrário é mais difícil, por isso os altos índices de evasão. Iniciamos o curso em uma turma de 30 alunos, hoje somos 17.

Segundo Moraes (2002), a EAD passa por uma fase de transição em que muitas organizações estão se limitando a transpor para o virtual adaptações do ensino presencial, com isso a maior parte dos cursos oferecidos a distância, apesar de utilizarem tecnologias avançadas e modernas, continuam sendo orientados através de práticas pedagógicas ultrapassadas, enfocando os aspectos construtivos, criativos e reflexivos relacionado ao processo de aprendizagem e às questões que envolve o desenvolvimento do conhecimento. As metodologias pedagógicas utilizadas a distância precisam levar em conta as tecnologias existentes e oferecer as práticas de educação mais adequadas para o aprendizado. Apesar disso, já é perceptível a mudança dos modelos predominantemente individuais para os modelos coletivos na educação a distância, o que considero um avanço.

4.2 Reflexões sobre o fazer discente no ensino das Artes Visuais

A intenção neste capítulo é refletir sobre minhas observações enquanto aluna do curso de Artes Visuais, e para isso quero começar lembrando o momento do Estágio.

Fazendo o estágio obrigatório pude retornar a mesma escola em que eu estudei no ensino fundamental e médio, me deixando um pouco assustada com o ensino que ainda está do mesmo jeito de anos atrás. Me deparei com a minha professora de Educação artística podendo assistir a sua aula, me vi ali como anos atrás o conteúdo era o mesmo, até a mesma forma de lecionar. Quando fiz meu estágio fiquei muito decepcionada com o ensino que ainda é aplicado na escola que estudei. Vendo professores que me deram aula praticando o mesmo conteúdo fiquei frustrada, cheguei até mesmo a comentar com uma das minhas professoras da faculdade, a professora Noeli Batista dos Santos, que eu havia ficado na dúvida se realmente eu queria ser uma educadora. A desordem em sala me deixou preocupada, pois não era produtiva e não havia respeito. No meu tempo de escola tínhamos professores que não tinham qualificação na área, mas havia vontade de ensinar o que sabiam e eram respeitados pelos alunos que ali estudavam.

Como podemos perceber, a educação é inerente à humanidade e se configura como condição de humanização, não apenas pelos processos conscientes e sistematizados de transmissão dos conhecimentos, mas também, e talvez bem

mais, pelas formas inconscientes de interação entre os membros de um grupo, por representar um modo de vida, onde um aprende com o outro de forma espontânea e involuntária, ou pelo simples desejo de viver e sobreviver às intempéries do mundo físico e as exigências coercitivas impostas pelo universo social.

Ainda temos professores que trabalham na chamada metodologia tradicional, que supervaloriza os exercícios mecânicos e as cópias por acreditar que a repetição é capaz de garantir que os alunos "fixem modelos". Sob essa ótica, o mais importante é o produto final (e ele é melhor avaliado quanto mais próximo for do original). É por isto que além de pré-preparados, tantas crianças tenham sido obrigadas ao longo do tempo, apenas a memorizar textos teatrais e partituras de músicas para se representar em datas comemorativas. Geralmente o professor de artes tem que moldar suas aulas de acordo com o espaço que lhe é cedido, poucas escolas oferecem uma sala de aula propícia para a prática artística. A sala utilizada geralmente é a mesma que ele divide com todos os outros professores, e no caso da área Artística, isto gera alguns problemas e dificulta alguns trabalhos a serem desenvolvidos.

É importante que o espaço da sala seja considerado um espaço flexível, com múltiplas possibilidades de organização, resultando em uma aula prazerosa e produtiva, quando as atividades forem realizadas na sala de aula, esta deve ser preparada de forma a estimular a produção, possibilitando a investigação, a manipulação e a criação. A disposição das mesas e cadeiras na sala muitas vezes não permite a interação, sentir tudo de todas as maneiras necessárias para uma boa aula de artes.

Pude ver que o professor de Artes hoje, mesmo com inúmeras mudanças patrocinadas e sugeridas pelos inúmeros estudiosos da educação, ainda têm pouca preocupação com a disciplina de artes, principalmente no lidar com seus alunos no contexto de sala de aula, não conseguem visualizar como este tipo de ensino pode ser benéfico, uma vez que ele pode funcionar como agente moderador de inúmeras situações eventuais que fuja ao controle do mesmo, tais como algazarras e confusões e, numa inversão pode transformar o ensino/aprendizagem em artes num campo fértil de interação.

Outro fator observado por mim é que os materiais disponíveis nas escolas públicas são escassos, ou poucos, ou nenhum, mas atividades simples podem dar nas escolas a noção de arte, como é o caso da colagem, técnica está muito

utilizada pelos artistas pop, do francês *collage*, a colagem é uma técnica, na qual diferentes materiais são colocados em uma superfície plana. O processo de colagem pode facilitar as aulas de arte usando objetos como folhas secas, papéis, pedaços de tecidos entre outros.

Rememorando todo esse tempo como aluna de artes, desde a educação infantil até o meu estágio supervisionado, o que fica evidente são as aulas em que somos induzidos a produzir um produto final, pré-elaborado pelo professor. Assim surgem decorações multicoloridas na escola, cartões para várias datas, lembrancinhas que nada têm de particular, ou individual de cada aluno. Com isso crianças são tolhidas em sua criatividade e a frustração chega a doer por não poder se expressar livremente. Sim, sei o que é essa dor e levei algum tempo para adquirir segurança em me expressar novamente.

O professor de Artes é responsável pelo sucesso do processo que ajudará o aluno a melhorar e desenvolver sua sensibilidade, assim como os saberes teóricos e práticos. É sobre esse papel primordial do arte-educador que falarei no próximo capítulo.

4.3 Reflexões sobre o fazer docente como aluna de Artes Visuais

Pensando no meu percurso e na minha formação, hoje cursando Licenciatura em Artes Visuais, me vejo na obrigação de fazer diferente pois vivenciei um olhar Artístico sobre o fazer Arte.

Na faculdade tivemos várias aulas práticas algo que me chama muito a atenção pois acredito que aprendemos mais colocando o nosso conhecimento em prática. Pela primeira vez, meus professores satisfizeram meus anseios, na FAV tivemos muita teoria, mas as oficinas eram para mim os momentos mais prazerosos.

Me lembro bem de uma das nossas aulas de laboratório, era para esculpir o nosso próprio busto usando argila, uma aula muito interessante pois reproduzir a nossa própria imagem não é uma tarefa fácil.



Figura 3: Aula de Ateliê na FAV
Fonte: acervo pessoal

Em um dos processos, foi sem querer querendo, que tivemos um bate papo com o Chaves, no qual aprendemos um pouco sobre a Gravura e a Fotografia. A gravura tem vários tipos que podemos trabalhar adorei vivenciar cada passo do processo de Xilogravura, pois é uma técnica de impressão que temos que ter muita concentração. Esculpir em madeira é uma tarefa difícil, ainda mais quando não temos os materiais adequados. Para este tipo de trabalho temos que ter a madeira certa e as coifas ideais.

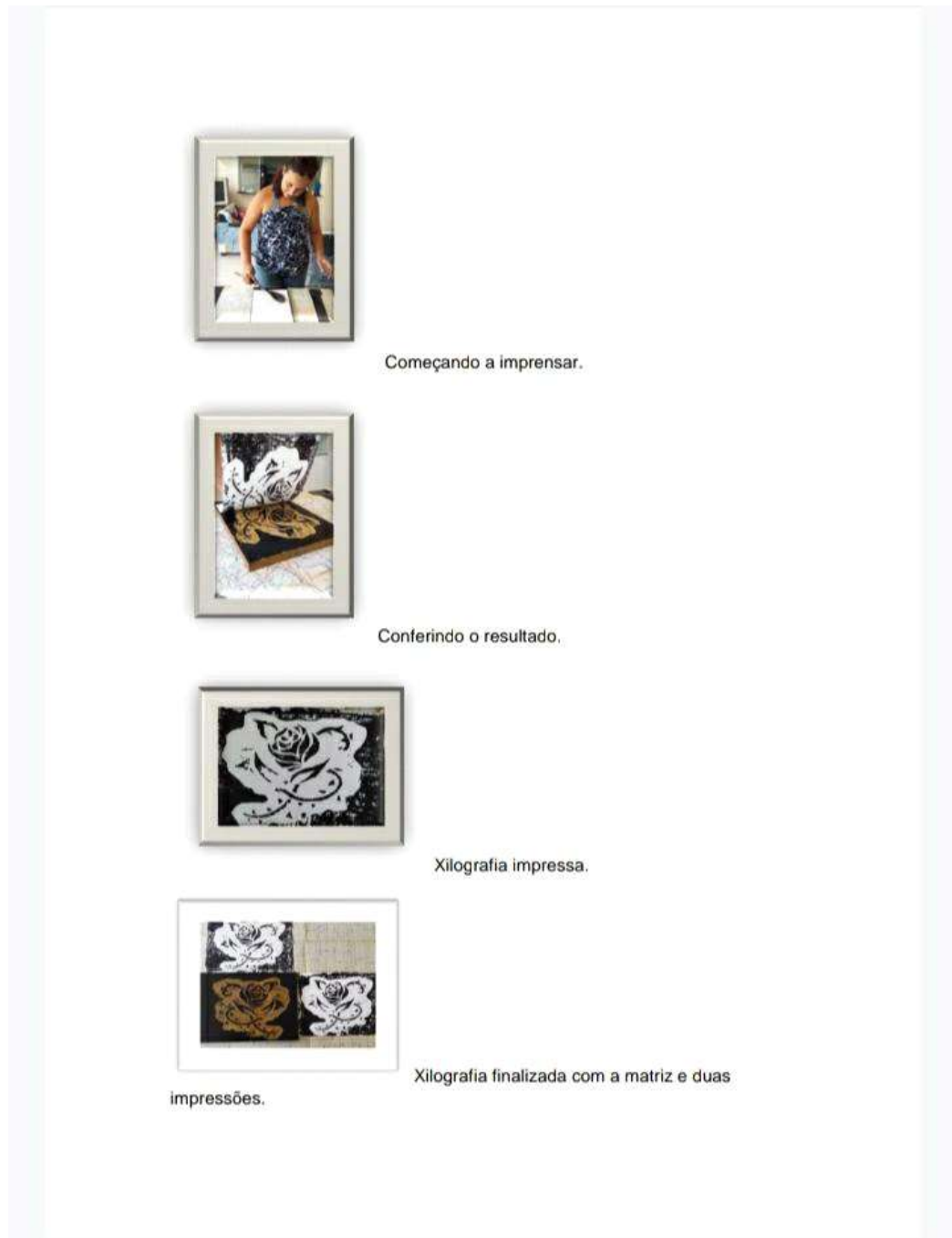


Figura 4: Aula de Ateliê no polo de Cavalcante
Fonte: acervo pessoal

Outro processo bem trabalhoso, e minucioso, porém gratificante é o carimbo em borracha.



Todo o processo de impressão

Figura 5: Aula de Carimbo
Fonte: acervo pessoal

No processo de Luz e Sombra eu me diverti muito, pois desde criança eu sempre me interessei pela fotografia e usar minha filha como minha modelo me

trouxe uma satisfação enorme. A emoção foi tomando conta do ambiente, com o olhar artístico, jogando luz e sombra, sempre em busca de um ângulo perfeito.



Figura 6: Aula de fotografia
Fonte: acervo pessoal

Tivemos também a disciplina de Cinema, na qual foi ministrada uma aula de ateliê no polo de Cavalcante, onde fizemos uma produção de uma câmara escura e a produção de um zootrópio.



Figura 7: Aula de Ateliê no Polo de Cavalcante
Fonte: acervo pessoal

Os encontros presenciais sempre nos trazem boas lembranças, e um prazer enorme de estarmos juntos, trocando informações e experiências. Também tivemos algumas aulas presenciais que nos deixaram um pouco tensos, principalmente nos encontros que tínhamos provas, sempre que somos testados é adrenalina pura, não é fácil fazer de 4 a 5 provas por dia e nos fins de semana. No entanto, em todos os nossos encontros presenciais, principalmente aqueles que foram ministrados no nosso polo em Cavalcante, tentamos nos organizar e fazer sempre uma confraternização em que pudemos relaxar e contar sobre as nossas inquietações.



Figura 8: Café da manhã no polo de Cavalcante
Fonte: acervo pessoal

Hoje com o conhecimento que tenho, com um olhar mais artístico, desejo poder colocar em prática tudo que eu aprendi durante estes 4 anos de faculdade. Ao longo destes anos como aluna pude compreender a responsabilidade dos professores na vida de qualquer pessoa.

Para desenvolver um bom trabalho, o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens e práticas de vida de seus alunos. Conhecer os estudantes, na sua relação com o meio em que vive e com o mundo, é o ponto primordial para um trabalho de educação em arte que realmente tenha significado na vida do aluno e na sua relação com seu meio social e cultural. É nessa relação com o meio que eles desenvolvem suas experiências estéticas e artísticas. O preparo deve ser contínuo, assim o professor tendo pleno domínio de sua área, saberá escolher os conteúdos mais importantes e relevantes, contribuindo de forma significativa para a formação artística dos alunos.

No Brasil, Ana Mae Barbosa (1991) mostrou que o professor deveria usar o seguinte tripé em classe: o fazer artístico, a história da arte e a leitura de obras.

Esse tripé original é considerado uma "matriz" dos eixos de aprendizagem que dominam o ensino atualmente: a produção, a apreciação artística e a reflexão. O "novo" tripé ajuda a desmanchar alguns dos mitos que rondam as salas de Arte nas escolas brasileiras, como a confusão entre a necessidade de ter muito material e estrutura para obter uma resposta "de qualidade" dos alunos.

É notável, na pesquisa de Almeida (2009), o uso da expressão "artista-professor", e não professor artista. Percebe-se que a nomenclatura de artista-professor é mais empregada quando a discussão gira em torno da docência no ensino superior, conforme pesquisas que versam sobre a importância deste profissional atuar tanto como artista, quanto como docente, contudo, o olhar sensível do professor é necessário em todas as etapas de ensino, visto que até mesmo na atividade mais simples como desenhar, "a criança desenha o que tem naquele momento maior carga emocional para ela e não o que vê. Omissões, exageros ou desproporções mostram a importância desses elementos dentro da ação, ela destaca o que mais lhe importa". (SZPALER, 2009, p. 52)

O ensino de artes como disciplina escolar, possibilita o estudo como campo de conhecimento constituído de saberes específicos, envolvendo as manifestações culturais-locais, nacionais e globais, o contexto histórico social e o repertório de conhecimento do aluno, visando estimular no educando dos ensinos fundamental e médio a liberdade de expressão, a criatividade e espontaneidade e a apropriação do conhecimento científico.

5 Considerações Finais

De forma prática, percebo que na escola de hoje o ensino de arte é visto pelo senso comum de forma simplista, como atividades de fruição, de relaxamento dos alunos, ou de organização dos eventos, entre outros. Tal posicionamento gera naturalmente incômodo entre os professores de arte.

Este estudo, entretanto, considera que é necessário se fazer um investimento na formação continuada da arte-educadora. Sobre isso Barbosa (2007) esclarece. "A falta de preparação de pessoal para entender a Arte antes de ensinar é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade" (p.15). A autora complementa afirmando que a falta de um aprofundamento dos professores do Ensino Fundamental e Médio pode retardar a

nova arte-educação em sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre as artes.

A questão da necessidade de uma formação contínua do professor se justifica em virtude de vários fatores, dos quais vale ressaltar a questão de muitos docentes serem egressos de sistema de polivalência, no qual tinha que ensinar várias linguagens, muitas vezes não tendo domínio de nenhuma. Outro fator a considerar é a variedade de tendências pedagógicas praticadas no decorrer da história do ensino da arte que estão presentes nas práticas educativas cotidianas.

Dessa forma, é imprescindível reverter essa situação para que o professor de arte seja efetivamente um arte-educador. Outros pontos merecem um aprofundamento maior, principalmente com relação aos alunos, uma vez que estes são os personagens principais do processo ensino-aprendizagem. Saber a importância e o valor da arte para o educando certamente apontaria outros caminhos para o ensino de alcançar um reconhecimento maior.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) definem que a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas, haja vista possibilitar o aluno ampliar a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.

Nessa perspectiva, Barbosa (1991), tratando do objetivo de se Ensinar Arte na escola, afirma:

Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemático, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. (BARBOSA, 1991, p.32)

Ainda sobre a extrema importância da disciplina Arte, Barbosa (2003) externa não ser esta uma visão unilateral. Em geral, os argumentos usados para defender o ensino de arte na escola se referem à Aprendizagem da Arte para desenvolvimento moral da sensibilidade e criatividade; o Ensino da Arte como forma de recreação; a Arte-Educação como artifício para ornamentação da escola; a Arte como apoio da aprendizagem e memorização dos conteúdos de outras disciplinas; da Arte como benefício para acalmar e relaxar, quase todos alheios ao processo que compreendem a atividade artística, seus produtos, ações e reflexões.

Enfim, considero ser papel do Arte-educador instrumentalizar o aluno com um conjunto de saberes em arte que lhe permitam utilizar o conhecimento estético na

compreensão das diversas manifestações culturais. Somos nós que devemos levar o aluno a observar as relações entre arte e realidade, investigando, indagando interesses e curiosidades, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando a arte de modo criativo.

Aprendi na FAV, que desenvolver no educando potencialidades crítico-expressivas, estruturando seu conhecimento, segundo sua percepção e consciência do mundo em que vive, é papel do professor, aliando o ver, o pensar, o fazer e o criar.

Hoje estou diferente, tenho um olhar e leitura de mundo mais sensível e crítico, posso me posicionar e agir de maneira eficiente, considerando o mundo em que vivo. É isso que pretendo como Arte-educadora, possibilitar a formação de pessoas capazes de ler o mundo de maneira crítico-reflexiva e eficiente nos seus posicionamentos e tomadas de atitudes.

6 Referencias

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais.** 345 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 345-358, dez. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> . Acesso em 08/04/2021.

_____, Fernando Antônio Gonçalves de; CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem Triangular: territórios e perspectivas Arte/Educativas.** 163 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 163-168, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/geart>. Acesso:08/04/2021

BARBOSA, A. M. (ORG.) **Inquietações e mudanças no ensino da Arte.** SÃO PAULO: CORTEZ, 2003. 184P.

_____, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. **ARTE**, p. 193 a 211. Disponível em: <https://www.alex.pro.br/BNCC%20Arte.pdf>. Acesso em 03/05/2021.

_____. Ministério da Educação. **Lei n.9394/96: lei de diretrizes e bases da educação nacional, LDB.** Brasília, 1996, p13/14. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 10/03/2021.

_____. Ministério da Educação. **Universidade Aberta do Brasil (UAB)**. Brasília, 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/uab>. Acesso: 03/05/2021.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 10/03/2021.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Eufrazia Moreira Schayder. **O ENSINO DA ARTE COMO ELEMENTO QUE FAVORECE A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**. FACL, Itapemirim, 2018. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/89015279/o-ensino-da-arte-como-elemento-que-favorece-a-aprendizagem-na-educacao-infantil-8>. Acesso em 03/03/2021.

MEIRA, Amanda Nunes Gomes. **VALORIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE: REFLEXÕES DA PRÁTICA DOCENTE**. Instituto Federal da Paraíba, editora realize V Conedu congresso Nacional Educação. João Pessoa, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_M D1_SA17_ID11255_03102018165255.pdf. Acesso em: 02/04/2021.

PERES, José Roberto Pereira. **Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular** Revista Artigo Revisado entregue em 29-06-2017 Gill Sans.docx p25,26,27. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/revistaddav/article/download/1163/859>

SILVA, Gislene Santos de Paula e. **A importância do Ensino de Arte no contexto escolar do Ensino Fundamental: Especialização em Ensino de Artes Visuais**. UFMG, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBDA9LEGW/1/monografia_gislene_2016_c_pia.pdf. Acesso em: 03/04/2021.

SILVEIRA, Márcio Velloso & BARTHEM, Ricardo Borges. **Disco de Newton com LEDS**, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.if.ufrj.br/~pef/producao_academica/dissertacoes/2016_Marcio_Velloso/material_instrucional_2.pdf. Acesso em 02/05/2021.

SZPALER, Eliane de Jesus Honório. **As Artes Visuais e a Educação**. Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação ESAP, Ivaiporã, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/monografias/artes_visuais_ed.pdf. Acesso em 10/04/2021.